

ASSOCIAÇÃO DOS APICULTORES DE CARQUEIJO NO MUNICÍPIO DE MUCAMBO-CE: GESTÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO NOS MOLDES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA.

Jair de Oliveira Farias¹
Vicente de Paulo Sousa²
Eduardo Dias³

Resumo

Esta pesquisa trata de enfatizar um pouco do cotidiano da Associação dos Apicultores de Carqueijo em Mucambo, região norte do estado do Ceará. Privilegiamos alguns aspectos pontuais tais como: modelo de gestão e implicações socioeconômicas para a população que participa desse empreendimento norteado nos moldes da economia solidária. Visualizamos nesse sentido, que inicialmente tiveram que se adequar ao modelo jurídico-burocrático para conseguir equipamentos essenciais para a prática da apicultura, mas, produzindo de forma individualizada, mais tarde, sentiram a necessidade de se adequar a um modelo mais amplo que priorizasse, sobretudo um melhor aproveitamento do seu trabalho e conseqüentemente a produção. Eis então o cerne discursivo dessa pesquisa dentro do debate sobre Economia Solidária, Cooperativismo e Associativismo, identificados nesse recorte. Orientamos-nos metodologicamente dentro dos padrões estabelecidos na Pesquisa Social. Fomos à campo, inserimo-nos em algumas de suas atividades com o intuito de colher informações que pudesse ajudar a construir esse texto, ouvimos seus relatos, bem como tivemos acesso a alguns documentos da Associação, com o objetivo de saber e entender mais sobre a organização e a gestão desse Grupo. Hoje, os apicultores colhem os resultados positivos de sua organização: conseguiram ir além daquilo que intuíram inicialmente, estão fincados no modelo associativista. Vendem seus produtos com maior aproveitamento, buscam informações junto aos órgãos capacitados no trato com as iniciativas empreendedoras, com o SEBRAE, EMATERCE, etc. Primam pela interação coletiva como via de acesso aos resultados posteriores.

Palavras-chave: Apicultura; Economia Solidária; Associativismo.

Introdução

A Apicultura na região norte do estado do Ceará é uma atividade incipiente em comparação com as demais atividades agropecuárias e agrícolas com maior tradição. No entanto, os agricultores familiares já estão despertando para a sua viabilidade econômica. Matos e Freitas (s/d) enfatizam que no Ceará, a apicultura tem adquirido importante papel no agronegócio, muitos agricultores, com o objetivo de aumentar a renda familiar, viram na apicultura uma atividade produtiva complementar às culturas tradicionais do feijão, milho e algodão. As primeiras atividades

¹ Gestor de Recursos Humanos (Instituto de Estudos e Pesquisas do Vale do Acaraú-IVA) Acadêmico do Curso de Administração (Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA). Email: jairsocial@gmail.com

² Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais (Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA) Especialista em Gestão de Organizações Sociais (UVA) Sociólogo/Registro: 0000397/CE. Email: vicentypsousa@hotmail.com

³ Orientador: Possui graduação em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (1988), especialização em Organização Sistemas e Métodos pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1990) e mestrado em Engenharia Ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração de Empresas. Atuando principalmente nos seguintes temas: Diagnóstico Sócio Econômico, Comunidade Tradicional, Diagnóstico histórico. Email: dias_sobral@hotmail.com

ditas apícolas ocorreram no ano 2002 na cidade de Massapê, com 150 colmeias, tendo como apoio a Secretaria de Agricultura e o Sindicato dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais (STTR).

A atividade é organizada por pequenos e médios apicultores, em sua maioria com menos de 10 colmeias, carentes de apoio dos programas governamentais, onde prevalecem a baixa autoestima e a ausência de visão empresarial. O principal e único produto explorado pelos apicultores é o mel. Alguns grupos não conseguem organização para uma simples comercialização para programas do governo.

A maioria dos apicultores está envolvida em algum tipo de associação, algumas próprias de apicultores e outras associações comunitárias, tendo sido identificado um total de 26 associações com participação de apicultores na região (Instituto Carnaúba, 2011).

A Associação dos Apicultores de Carqueijo foi escolhida para esta pesquisa pelo aspecto mais comunitário em destaque. Como também por se encontrar na zona rural de um dos municípios carentes da região norte do estado do Ceará que é Mucambo, com uma expressiva produção de mel de abelha comparando com os demais municípios da região de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nas safras de 2007 a 2011.

Metodologia

Para o desenvolvimento dessa pesquisa nos utilizamos de algumas ferramentas e/ou técnicas metodológicas que pudessem nos favorecer naquilo em que nos propomos a realizar. Para esse tipo de estudo adentramos no campo da pesquisa social, visto que objetivamos saber as implicações práticas que o empreendimento adotado pela Comunidade de Carqueijo imprimiu na vida dos habitantes e componentes dessa Associação.

Nesse sentido, cabe dizer que o contexto em que se configura a Pesquisa Social deve ser permeado pelo envolvimento intenso do pesquisador no campo a ser estudado. Isso se justifica pelo fato de que o cotidiano reserva muitas situações imponderáveis, ou seja, situações que só acontecem naquele momento, e que tais ações podem estar repletas de contribuições que ajudarão certamente a compor o mosaico formador desse tecido social.

Sendo assim, convém que também nos orientemos pelos moldes etnográficos, suas técnicas de aquisição de informações em que estes tentam de forma intensa e extensa adquirir dados sobre o campo pesquisado e seus agentes. Nesse meio, deve-se ter todo o cuidado para que não desperdicemos informações importantes que podem ajudar no entendimento dessa construção social. Esse modelo se diferencia daquele em que o envolvimento com os agentes pesquisados se dá de forma impessoal e parcimoniosa, ou seja, existem apenas contatos breves em que o pesquisador

aplica questionários para serem respondidos com alternativas de respostas já formatados pelo pesquisador.

Desse modo, trata-se de uma pesquisa qualitativa, onde se tenta contemplar de modo mais específico os traços, as condições humanas e sociais dos grupos e/ou agentes envolvidos. De acordo com Goldenberg (2005, p.44), esse tipo de pesquisa é estigmatizado por alguns cientistas mais objetivos, pois estes, “(...) acusam a pesquisa qualitativa de não apresentar padrões de objetividade, rigor e controle científico, já que não possui testes adequados de validade e fidedignidade, assim como não produz generalizações que visem à construção de um conjunto de leis do comportamento humano”. A autora nos aconselha para que diante desse impasse coloquemos em ação aquilo que Bourdieu chamou de *objetivação*, em outras palavras, trata-se de conter em nós pesquisadores nessa ação, a subjetividade.

Para Goldenberg (2005, p. 47),

A pesquisa qualitativa, através da observação participante e entrevistas em profundidade, combatem o perigo do *bias*, porque torna difícil para o pesquisado a produção de dados que fundamentem de modo uniforme uma conclusão equivocada, e torna difícil para o pesquisador restringir suas observações de maneira a ver apenas o que sustenta seus preconceitos e expectativas.

A autora fala de uma relação delicada onde estão entrelaçados o pesquisador e seus agentes pesquisados, por isso, fica difícil de apenas quantificar respostas, nessa relação, todas as manifestações são importantes para a compreensão do fenômeno estudado.

Como mencionamos, esse trabalho tem como norte de orientação a pesquisa etnográfica, muito embora não tenhamos a intenção de conceituá-la como tal, afinal, aquela tem em sua definição que

Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estanho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos de comportamento modelado. (GEERTZ, 1989, p. 20)

É nesse ponto que justificamos nossa intenção em querer seguir um pouco o caminho que leva aos resultados obtidos não somente com perguntas objetivas e impessoais, mas, com um envolvimento mais intenso, mergulhados no campo, com acesso a consulta de documentos, obtenção de relatos em conversas nos momentos de caráter mais espontâneo.

Malinowski (1978) chama essas manifestações de imponderáveis da vida real, é que segundo ele, há momentos que durante um determinado tipo de situação, acontecem coisas que podem parecer imperceptíveis, inúteis até, mas, é nesse instante, onde não há tempo para se elaborar as nossas ações que manifestamos o que de fato somos e o que queremos dizer ou fazer, isso é um transbordamento do nosso genuíno jeito de ser. Um pesquisador atento capta toda essa carga de

eventos para transcrever e interpretar com muita eficácia, dando uma conotação nova para sua pesquisa, isso também equivale ao que Geertz mencionou na citação acima nas duas últimas linhas.

Conforme Malinowski (1978, p.29)

(...) há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade. A esses fenômenos podemos dar o nome de *os imponderáveis da vida real*.

Foi seguindo esse processo metodológico que tentamos investigar na Associação dos Apicultores de Carqueijo sua organização produtiva com base no modelo de Economia Solidária. O contato inicial se deu com o intuito de obter a adesão de nossa presença nesse campo, passada essa fase, fizemos aplicação diagnóstica com a aplicação de um questionário aberto, quase no modelo das entrevistas semiestruturadas, só que lá deixamos que os agentes respondessem de próprio punho nossas indagações, não gravamos entrevistas. Noutra etapa, fizemos reunião para a confirmação daquilo que nos foi fornecido na avaliação diagnóstica, realizamos também oficinas, tivemos acesso a documentos da Associação, um exemplo disso foi o fato de eles terem nos cedido o Estatuto da mesma, forneceram ainda dados em tabela com informações importantes sobre o andamento e organização desta.

Fizemos um trabalho de campo, participamos de algum modo do cotidiano dessa Associação na representação de seus membros, levamos expectativas, adquirimos outros conhecimentos, alargamos nossa maneira de ver, tratar e conceber as situações, porque “Em realidade, tudo o que é social é ao mesmo tempo simples e complexo” (MAUSS, 1979, p.103). Nisso também se configura a observação participante, que é o estar lá, inserir-se nas situações dos agentes, para vivenciar e aprender com eles. De acordo com Clifford (2002, p. 20)

A observação participante obriga seus praticantes a experimentar, tanto em termos físicos quanto intelectuais, as vicissitudes da tradução. Ela requer um árduo aprendizado linguístico, algum grau de envolvimento direto e conversação, e freqüentemente um “desarranjo” das expectativas pessoais e culturais.

Isso justifica o que mencionamos logo acima quando dissemos que nosso conhecimento foi alargado, transpondo para outros patamares nossas concepções sobre o social e sua rede de relações.

Resultados e Discussão

No ano de 2006 foi criada a *Associação dos Apicultores de Carqueijo – Mucambo (AACM)*, nesse mesmo ano foi realizado um curso de capacitação ministrado pelo Instituto Centro de Ensino Tecnológico - CENTEC. Foram capacitadas em média 46 famílias, a associação foi beneficiada com 20 Kits de Produção e um Kit de Extração de Mel. A Associação foi criada com a

finalidade de promover o desenvolvimento comunitário dos apicultores, integrando os associados (as) por meio da inclusão socioeconômica na busca da geração de trabalho e renda e na melhoria na qualidade de vida das famílias. A apicultura desenvolvida pelos associados trata-se de um empreendimento de caráter econômico solidário.

O grupo de apicultores está organizado juridicamente em associações de âmbito comunitário. Um dos principais motivos que levaram os apicultores à criação de associações, especificamente para atividade, foi para receber os equipamentos, critério esse exigido pelo Fundo Estadual de Combate à Pobreza - FECOP, programa incentivador das primeiras ações da cadeia produtiva da apicultura. Os equipamentos de processamento são usados de forma coletiva, todavia, as atividades nos apiários são de modo individual.

Um grande desafio para todo empreendimento empresarial e/ou social se encontram nos aspectos gerenciais. A associação é uma entidade juridicamente formalizada com sócios, equipamentos, materiais de trabalhos, tendo como responsabilidade a gestão democrática e coletiva destas estruturas.

Apesar do apoio tecnológico e incentivo para criação da associação por parte de um programa governamental, o grupo não recebeu orientação nos aspectos da gestão produtiva e comercialização, ficando apenas na parte técnica. Além disso, não se tem acompanhamento de assistência técnica. Como estes agricultores/apicultores estão se saindo das dificuldades encontradas nos aspectos de gestão?

Por uma questão jurídica e burocrática, era necessário que os apicultores estivessem organizados adequadamente para que fosse dado início a distribuição dos equipamentos, mas como já dissemos, eles prosseguiram produzindo de forma individualizada, dificultando assim, o processo de distribuição e comercialização de seus produtos. Não tinham noções de cooperativismo, associativismo, etc. Diante disso, sentiram a necessidade de se organizar de forma mais coletiva com o intuito de aproveitar melhor seus produtos, pois, vender sozinhos acabava por minar as bases da formação dos propósitos lá do início. Perceberam que comercializando juntos, barganhariam melhores oportunidades de comercialização de seus produtos, como também venderiam em grande quantidade, por um período maior da produção na safra, ou seja, a Associação terá produtos para vender para além do tempo da safra.

Diante disso, perceberam que era possível se fazer planejamento coletivo da produção e dar continuidade a essa possibilidade. Um exemplo disso foi a experiência de arrendar uma terra para fins apícolas. Colocaram juntos alguns equipamentos com o intuito de produzir coletivamente seus produtos, dividiram tarefas com os envolvidos, e, mais tarde venderam a primeira produção pagando as despesas e, conseqüentemente dividindo as sobras entre si, ficando ainda uma

porcentagem para a Associação. Sobre esse modelo Singer (2002, p. 9) destaca:

A solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada *igualmente* pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é a *associação* entre iguais em vez de contrato entre desiguais. Na cooperativa de produção, protótipo da empresa solidária, todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões.

Na associação foram contabilizadas 45 colméias, beneficiando assim em média 30 famílias oriundas da agricultura familiar. Com essa formação coletiva, viu-se também a necessidade de conseguir apoio junto às políticas governamentais, como aquisição de terras para implantação dos apiários, visto que nem todos são donos dos latifúndios onde produzem. Uma conquista realizada pela Associação foi a Casa de Mel, resultado da parceria junto a Secretaria de desenvolvimento Agrário, através do Projeto São José. A referida casa serve para os apicultores manusearem e beneficiarem o mel de forma correta, visto que o produto (mel) é um alimento que necessita de cuidados que atendam as normas de higienização para que não sofram contaminação.

A Associação passou a participar de reuniões com outras associações para trocar experiências, bem como visando discutir a realidade da apicultura no município e nas regiões circunvizinhas, criando assim relações extra comunidade. Relatam que assim como eles, as outras associações também encontram falta de apoio pelos governos locais, tais como: Ausência de compromisso por parte de alguns gestores públicos; Apicultores dependentes dos atravessadores para comercialização; Inexistência de casa de mel padronizada e certificada; perda do pasto apícola com a retirada de matas nativas, queimadas e a perda de diversidade em algumas áreas; Descontinuidade de políticas públicas municipais para o fortalecimento da agricultura familiar; Descontinuidade de assistência técnica (em função da rotatividade dos técnicos);

Com a conquista dos benefícios a associação vem ganhando credibilidade, confiança dos sócios e da comunidade, isso deixa claro a importância do modo de se organizar coletivamente para conseguir apoio e melhorar ainda mais a infraestrutura produtiva. A Associação é procurada por entidades que prestam assessoria técnica e capacitação junto aos sócios e pessoas indiretamente ligadas aos projetos gerenciados pela Associação. Um exemplo disso é a Prefeitura, a Empresa de Assistência Técnica de Extensão Rural do Ceará - EMATERCE e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE mesmo com as descontinuidades assinaladas acima.

É necessário um maior empenho do poder público nas iniciativas populares, que tentam se libertar um pouco das amarras da economia capitalista, que aprisiona outras potencialidades que possam vir de atores sociais mais engajados. Sinalizando para esse caminho Schwengber (2006, p.293) considera:

O estabelecimento de políticas públicas de fomento à economia solidária torna-se parte da

construção de um Estado republicano e Democrático, pois reconhece a existência destes novos sujeitos sociais, novos direitos de cidadania e de novas formas de produção, reprodução e distribuição social, além de propiciar o acesso aos bens e recursos públicos para seu desenvolvimento, tal qual permite a outros segmentos sociais. O papel do Estado frente à economia solidária é o de dar-lhe propulsão por meio de políticas públicas que disponham de instrumentos e mecanismos adequados para o reconhecimento e o fomento deste setor.

As reuniões da ACMM acontecem mensalmente na própria sede. Os principais assuntos tratados: busca de projetos que venham a melhorar o desenvolvimento da apicultura da comunidade, tais como cursos técnicos para aumento da produtividade do mel, transportes para deslocamento da produção e estruturas para armazenagem, planejamento das compras conjuntas de insumos e ações coletivas de colheitas, extração e beneficiamento do mel de abelha.

A associação já tem a iniciativa da prática do **Atacado** que é a caracterização da venda do produto em grande quantidade a determinado empreendimento, seja no setor público ou particular, boa parte da produção é vendida a escolas municipais, sendo a prefeitura entidade responsável pela compra direta do produto. A Associação participa de feiras realizadas por movimentos sociais, e vendem os produtos a comerciantes de médio porte, futuramente a associação espera atingir o mercado externo devido a autorização do Ministério da Agricultura do Certificado S.I.F., esta certificação garante que os produtos relacionados com a alimentação animal, podem ser comercializados sem risco para a saúde dos animais e a humana. No município ainda existem os chamados “atravessadores” que infelizmente tentam escoar essa comercialização para o mercado na capital do Estado, abalando assim direta ou indiretamente a economia local. No **Varejo**, segundo a Associação ela é praticada pelos apicultores, possibilitando uma complementação de renda, é realizada no comércio local, e a pessoas interessadas, fazendo com que chegue até o **Consumidor final**.

Conclusão (Considerações Finais)

A organização produtiva, neste caso estudado a Apicultura dentro do contexto do Associativismo e da Economia Solidária vem demonstrando um importante papel no contexto dos pequenos negócios rurais, gerando oportunidades de emprego, renda e fixação do homem e da mulher no campo. Apesar das dificuldades encontradas para melhorar o nível de produtividade, falta de experiências e técnicas de gestão, ampliação dos produtos oriundos da atividade apícola, fragilizando a sustentabilidade, a competitividade e os ganhos financeiros dos agricultores e das agricultoras.

A desorganização nos fatores da produção e comercialização nas associações é bem acentuada na região, também as práticas e o conhecimento sobre o associativismo e a economia solidária estão um pouco aquém da realidade. Mesmo nesta situação adversa, a ACMM estar dando

os primeiros passos para se superar nesse sentido, trabalhando com decisões coletivas, buscando o planejamento desde a produção até a comercialização.

Em cima da necessidade os sócios-apicultores estão assumindo seu papel junto a Associação e na comunidade, produzindo juntos, cobrando do governo municipal e estadual as políticas para atividade apícola, produzindo, extraindo, negociando melhores preços, prazos, condições de pagamento e relações de mercado.

A Associação encontra empecilho para conseguir financiamentos para aquisição de transporte e estruturas de apoio a produção e comercialização, o que configura pouca participação dos segmentos de transporte e beneficiamento dos produtos. Percebe-se que agentes oficiais de crédito e financiamento têm falhado. Toda e qualquer forma de cultura da cooperação é sempre muito salutar para se organizar, fortalecer e dar credibilidade às atividades agropecuárias. Na ótica do desenvolvimento sustentável da Apicultura é, portanto, fundamental discutir temas e propostas que possibilitem a Associação, assumir novos conhecimentos e tecnologias de produção e de gestão do negócio dessa atividade empreendedora.

Referências

- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar: Como fazer Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais**. 9ª Ed., Rio de Janeiro: Record, 2005.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE- Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/>, acesso em 20/08/2013.
- Diagnóstico da Cadeia Produtiva da Apicultura: Território de Sobral – MDA/SDT/Sobral: Instituto Carnaúba, 2011.
- Estudo da Cadeia Produtiva da Apicultura: Território de Sobral – MDA/SDT/Sobral: Instituto Carnaúba, 2011.
- MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção os Pensadores).
- MATOS, Verônica D. de.; FREITAS, Henrique de A. **Uma estimativa dos fatores condicionantes do nível tecnológico dos apicultores de Limoeiro do Norte: uma aplicação do modelo probit**. Palestra publicado em <http://www.sober.org.br/palestra/2/1050.pdf> acessado em 11.03.2013.
- MAUSS, Marcel. A Prece. In: O. Roberto C. de (org.). **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- SCHWENGBER, Ângela. Diretrizes para uma política pública de economia solidária no Brasil: a contribuição da rede de gestores. In: FILHO, Genauto C. de França; AVILLE, Jean-Louis, MEDEIROS, Alzira; MAGNEN, Jean-Phillip (orgs.). **Ação Pública e Economia Solidária: uma perspectiva internacional**. 1ª ed., Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1ª ed., São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.